

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Revolução Russa: história, política e literatura*. São Paulo, Expressão Popular, 2012.

Sydnei Melo
Mestre em Ciência Política, IFCH/UNICAMP)

A publicação de *Revolução Russa: história, política e literatura* dá continuidade a um trabalho, cada vez mais consistente, de divulgação e estímulo à produção de estudos sobre a obra do socialista peruano José Carlos Mariátegui (1894-1930) no Brasil. O reconhecimento dos escritos do Amauta em nosso país, não obstante referências muito pontuais localizadas entre as décadas de 1920 e 1960¹, se inicia mais explicitamente com a tradução e publicação dos *7 ensaios de interpretação da realidade peruana* em 1975, por iniciativa do sociólogo Florestan Fernandes, quarenta e sete anos depois da publicação de sua primeira edição no Peru². Após este inédito impulso, as ideias de Mariátegui começam a receber maior atenção por parte de intelectuais e militantes políticos brasileiros durante a década de 1980 – entre os quais, poderíamos mencionar, João Pedro Stedile, Michael Löwy³, José Paulo Netto⁴, Héctor Alimonda, Carlos Nelson Coutinho⁵ e Alfredo Bosi⁶. Um “silêncio” nas referências a Mariátegui sucede este período, sendo interrompido em 1998 com a publicação de um artigo de Adolfo Sánchez Vásquez, debatendo aspectos do marxismo de Mariátegui, em uma antologia organizada por Paulo Barsotti e Luiz Bernardo Pericás⁷. Desde então, autores e pesquisadores como Bernardo Ricupero⁸, Enrique Amayo e José Antonio Segatto⁹, Leila

1 Deste período existem referências a correspondências trocadas por Mariátegui com os brasileiros Álvaro Soares Brandão (em 1928) e Baltazar Dromundo (1929). Aparentemente, a primeira menção a Mariátegui em uma publicação brasileira seria feita por Alberto Guerreiro Ramos, em 1941. Já Nelson Werneck Sodré, na passagem das décadas de 1950-1960, tomava Mariátegui como referência para um curso que ministraria no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), além de citar extensamente os *7 ensayos* em seu livro *Formação Histórica do Brasil*, de 1962. Em geral, porém, Mariátegui não é lembrado nos escritos de intelectuais e militantes ligados ao PCB – por mais que entre os comunistas brasileiros houvesse algum conhecimento, mesmo que tangencial, das ideias do socialista peruano (PERICÁS, 2010, p. 338-345).

2 O sociólogo também coordenaria, no Brasil, uma coleção de obras compiladas de “cientistas sociais”, entre as quais se encontraria uma seleção de textos do jornalista peruano (organizada por Manoel Lelo Belloto e Anna Maria Martinez Correa). Em 1994, Fernandes ainda publicaria o artigo “O significado atual de José Carlos Mariátegui” (cf. PERICÁS, 2010, p. 345-347)

3 Na década de 1980, Löwy publica na França uma antologia de textos sobre o marxismo na América Latina, incluindo escritos de Mariátegui. A compilação seria traduzida para o português na década de 1990.

4 Autor de “O contexto histórico-social de Mariátegui”, publicado na revista *Encontros com a Civilização Brasileira* em 1980.

5 Coutinho é o tradutor de uma breve biografia e análise redigida por Alimonda, *José Carlos Mariátegui*, publicada em 1983.

6 Bosi publica, em 1990, o artigo “A vanguarda enraizada: o marxismo vivo de Mariátegui”, na revista *Estudos Avançados*.

7 *América Latina: história, ideias e revolução*, publicado pela editora Xamã.

8 O cientista político compara as reflexões de Mariátegui e Caio Prado Jr. no capítulo “Existe um pensamento

Escorsim¹⁰, Yuri Martins Fontes¹¹, André Kaysel¹², além dos já citados Michael Löwy¹³ e Luiz Bernardo Pericás, produziram e organizaram para o público brasileiro comentários, traduções e coletâneas de textos redigidos pelo Amauta (cf. PERICÁS, 2010; COSTA e CLEMENTE, 2012).

Neste sentido, deve ser ressaltada a importância do trabalho realizado por Luiz Bernardo Pericás. Destaco o nome do professor do Departamento de História da FFLCH/USP não apenas por ser o organizador, tradutor e autor do prefácio da coletânea aqui resenhada, como também por ser o principal responsável pela publicação dos textos de Mariátegui no Brasil nos últimos dez anos, por meio dos volumes *Do sonho às coisas: retratos subversivos* (2005), *Mariátegui sobre educação* (2007), *As origens do fascismo* (2010), além de *Revolução Russa*, publicado em 2012. É notável, também, a postura de diferenciação editorial assumida por Pericás em relação à publicação dos textos de Mariátegui na coleção *Obras Completas*, organizada pela Editora Amauta ao longo da segunda metade do século XX: os volumes publicados no Brasil tem se caracterizado por critérios distintos de seleção dos textos do escritor peruano, os diferenciando, em grande medida, dos formatos de publicação assumidos pela coleção peruana. Acrescente-se, no caso de *As origens do fascismo* e *Revolução Russa*, a adoção da ordem cronológica de publicação dos artigos e ensaios mariáteguianos na organização destes volumes, possibilitando uma compreensão mais clara da trajetória percorrida pelas reflexões do Amauta ao longo do tempo.

Revolução Russa é, como afirma o próprio Pericás no prefácio deste livro, a mais completa coletânea em língua portuguesa de textos escritos por José Carlos Mariátegui sobre a Revolução de Outubro. Tratam-se de artigos divulgados em diferentes veículos de comunicação impressa (como o jornal peruano *El Tiempo* e as revistas *Variedades* e *Mundial*), conferências ministradas pelo jornalista nos anos de 1923-1924 junto às Universidades Populares González Prada, e textos publicados originalmente no primeiro livro lançado por Mariátegui, *La escena contemporánea*, de 1925. São, portanto, escritos publicados entre 1920, quando Mariátegui ainda encontrava-se exilado na Itália, e 1930, ano de sua morte. Essa

marxista latino-americano?" em *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil* (Editora 34, 2000).

9 Amayo e Segatto organizam a coletânea *J. C. Mariátegui e o marxismo na América Latina* (UNESP/Cultura Acadêmica, 2002), com ensaios sobre o pensamento do Amauta.

10 Autora de *Mariátegui: vida e obra* (Expressão Popular, 2006).

11 Tradutor e organizador de *Defesa do marxismo, polêmica revolucionária e outros escritos* (Boitempo, 2011).

12 Publicou *Dois encontros entre o marxismo e a América Latina* (Hucitec, 2012).

13 Löwy organizou diversos textos de Mariátegui na coletânea *Por um socialismo indo-americano: ensaios escolhidos* (UFRJ, 2005).

seleção preserva a opção editorial levada a cabo por décadas pelos organizadores das *Obras Completas* de não publicar os textos do período que ficou conhecido entre os comentadores da obra do Amauta como a “idade da pedra”¹⁴. Constatado, como registrado no prefácio, que Mariátegui não apenas era sensível aos ecos da Revolução Russa nos anos de 1918-1919, como também escreveu em defesa do processo revolucionário protagonizado pelos bolcheviques neste mesmo período, talvez fosse interessante ver integrados a esta coletânea alguns dos “escritos juvenis”¹⁵ publicados pelo jovem jornalista, abrindo algumas brechas para se conhecer um período da produção mariateguiana que pouco estudamos no Brasil. Evidentemente, isto não reduz o mérito do trabalho de Pericás e a importância que tal coletânea representa para os estudos brasileiros sobre Mariátegui.

Apesar de não ter visitado a Rússia em sua passagem pela Europa, o conhecimento que Mariátegui dispunha sobre a experiência soviética provinha da leitura de veículos de imprensa internacionais e de livros publicados por autores como Edouard Herriot, Anatole de Monzie, Luc Durtain, Alvarez de Vayo, entre outros (cf. PERICÁS, 2012, p. 25). Entre as conferências sobre a *Historia de la crisis mundial*, Mariátegui ministra três exposições aos estudantes e trabalhadores de Lima sobre o episódio da revolução, as instituições do novo regime russo e a biografia política de sua principal liderança, V. I. Lenin. Indagado sobre qual seria o movimento revolucionário idealista de maior transcendência em sua época, consideraria ser este, incontestavelmente, o movimento da Revolução Russa (MARIÁTEGUI, 1987, p. 158). As revistas *Amauta* (1926-1930) e *Labor* (1928-1929), ambas editadas pelo jornalista peruano, publicaram diversos textos produzidos por intelectuais soviéticos e por colaboradores peruanos e estrangeiros, que escreveram sobre arte, cultura, economia e política relacionados à Rússia (cf. PERICÁS, 2012, p. 27-29). Mariátegui também demonstrava ter grande conhecimento sobre a produção literária russa, à qual dedicou diversos artigos, e apontou alguns escritores russos entre seus favoritos, como o poeta Alexander Blok e os romancistas Leonid Andreiev e Máximo Gorki (MARIÁTEGUI, 1987, p. 139). *História, política e literatura*, deste modo, torna-se um subtítulo bastante adequado para retratar o conjunto de artigos e ensaios que constituem esta coletânea: uma reunião de reflexões de

14 Segundo o professor Ricardo Portocarrero Grados, a autoria do termo “idade da pedra” é atribuída a Mariátegui, apesar de não haver nenhum registro escrito deste termo sob sua pena. A classificação seria confirmada por seu filho, Javier Mariátegui, e foi consagrada entre os mariateguistas com a publicação do primeiro tomo do trabalho biográfico de Guillermo Rouillón, *La creación heroica de José Carlos Mariátegui: La edad de piedra* (1975).

15 Os *Escritos Juveniles*, reunindo contos, poesias, textos teatrais, crônicas e artigos de Mariátegui publicados antes de seu exílio italiano, foram lançados pela Editora Amauta entre 1987 e 1994.

Mariátegui sobre uma revolução que permeia diferentes esferas da vida de homens e mulheres, entre a política e a cultura.

A defesa da Revolução

Os textos do Amauta demonstram posições claramente favoráveis ao processo histórico e político desencadeado pelos bolcheviques em outubro de 1917. Nosso autor considerava que, apesar de possíveis divergências existirem entre diferentes grupos socialistas, a Revolução Russa sempre seria, para o proletariado, o “princípio da revolução social”¹⁶ (p. 47). Mariátegui não apenas elevava a Revolução Russa a um alto patamar político, como também conectava o progresso das lutas socialistas ao momento histórico de declínio da “civilização europeia” – que seria, por sua vez, representação da destruição da “civilização capitalista”: “esta civilização [capitalista] contém o embrião de uma nova civilização. E, como todas as civilizações, está destinada a extinguir-se”¹⁷ (p. 53).

Em um contexto de fortes disputas ideológicas, que contrapunham críticos e defensores do regime soviético na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, Mariátegui assumiu a postura de divulgação e defesa da URSS, realizando tal tarefa por meio de leituras da conjuntura política internacional e redigindo biografias das principais lideranças políticas russas como George Tchitcherin, Anatóli Lunatcharski, Grigori Zinoviev, Félix Dzerzhinsky, Leonid Krassin, além de Lenin e Leon Trótsky. Procurando retratar para o público peruano o que ocorria no interior da URSS, Mariátegui teceu comentários sobre a organização política dos soviets, a representatividade popular dos bolcheviques, a política diplomática soviética, a preocupação do novo governo com os temas da educação e da cultura. Nos textos usados em suas conferências de 1923-1924 há também alguns comentários – não desenvolvidos, apenas como notas – sobre o problema religioso na URSS, a política econômica do país, as polêmicas com social-democratas e anarquistas, e o papel político das mulheres. Este último tema será objeto de um artigo escrito em 1924 pelo Amauta¹⁸.

Por outro lado, podemos reconhecer criticamente o fato de Mariátegui não considerar, de forma mais consistente, a ocorrência de problemas internos ao modelo soviético,

16 “A fome na Rússia”, publicado em novembro de 1921 (cf. p. 45-47).

17 “O crepúsculo da civilização”, publicado em dezembro de 1922 (cf. p. 49-54).

18 “A mulher e a política”, publicado em março de 1924 (cf. p. 83-87).

especialmente no que tange às dissensões políticas no interior do governo russo¹⁹. A questão é abordada por Pericás, que sugere que as descrições e análises dos personagens da revolução, unidimensionais e laudatórias em certos momentos, deixariam de mostrar as particularidades e os problemas intrínsecos a cada um deles, seja em relação ao caráter ou personalidade dos mesmos, seja por meio de aspectos teóricos ou políticos (PERICÁS, 2012, p. 33). Os textos de Mariátegui, de fato, refletem várias posições otimistas sobre o governo soviético. Se sabemos que Mariátegui dependeu fundamentalmente de comentários de terceiros para estudar a realidade sociopolítica russa, e que a Revolução Russa, sistematicamente atacada pela imprensa burguesa de vários países, representava um importante ideal de transformação para diversos movimentos operários e socialistas em outras partes do mundo, torna-se necessário ler de forma cautelosa os escritos do Amauta, reconhecendo certos limites de sua leitura que possivelmente se conectam às disputas ideológicas de seu tempo.

Uma “nova literatura russa”

Mariátegui também dedicou muitas páginas à literatura russa, especialmente ao que definiu como a “nova literatura russa”, aquela que seria verdadeiramente *realista* em razão de suas origens no contexto da revolução. Esta literatura se contraporia a uma “literatura dos emigrados”, voltada somente ao insulto do bolchevismo, e que seria de qualidade inferior. Tomando Trotsky como referência, Mariátegui dirá que não há literatura que viva e cresça sem raízes em uma sociedade e um povo viventes:

a velha Rússia morreu. A literatura que se alimentava de sua seiva e de sua realidade não pode subsistir. Suas raízes secaram. A única literatura russa possível é a que, contrastando-a ou servindo-a, se nutra da nova vida russa²⁰ (p. 140-141).

Mariátegui versará sobre romances de autores como Lidia Seifulina, Leonid Leonov, Mikhail Artsibachev, Fedor Gladkov, Konstantin Fedin, Nikolai Ognev, Larissa Reissner e Alexander Fadeiev, e também comentará escritores russos já muito prestigiados à época, como Leon Tolstoi, Fiódor Dostoiévski e Máximo Gorki – este último, inclusive, seria pessoalmente

19 Um curioso comentário pode ser visto na p. 201, quando comenta, a respeito do exílio de Trotsky, que “sensatamente, o que não devia jamais se esperar é que a empresa de organizar o primeiro grande Estado socialista fosse cumprida por um partido de mais de um milhão de militantes apaixonados (com o acordo da maioria mais um), sem debates nem conflitos violentos”. “O exílio de Trotsky”, publicado em fevereiro de 1929 (p. 201-205).

20 “A nova literatura russa”, publicado em 20 de março de 1926 (p. 139-143).

entrevistado por Mariátegui em dezembro de 1922, na Alemanha. Poetas, como Blok, Vladimir Maiakovski e Sergei Essenin também são analisados pelo Amauta. Aliás, o socialista argumentará, a respeito do impulso poético do contexto revolucionário²¹, que

a revolução que recebeu a adesão dos poetas (...) encontrou, por outro lado, hostis os romancistas. E de romancistas, críticos, historiógrafos, etc., está composto o conjunto maior dos 'emigrados'. A Poesia votou pela revolução²² (p. 177).

Mariátegui buscava apresentar, portanto, um “realismo proletário” que seria a melhor manifestação da literatura produzida nos anos da revolução, afastada do viés romântico e burguês, e baseada nas dores, angústias e tragédias que marcam a luta de uma classe para criar uma nova ordem²³ (p. 272-273). Os limites desta leitura também devem ser considerados, afinal, daquilo que Mariátegui definia como “literatura dos emigrados”, nomes importantes como Ivan Bunin e Vladimir Nabokov foram negligenciados. O Amauta era bastante otimista a respeito de autores “realistas” que, estando ainda muito longe de se compararem a nomes como Dostoievski e Tolstoi, seriam posteriormente secundados ou esquecidos no conjunto da literatura universal – especialmente se considerarmos que alguns destes escritores, confrontados com o “realismo socialista” das décadas seguintes, seriam perseguidos, senão executados, ou obrigados a elaborar seus trabalhos em conformidade com os padrões estéticos e conteudísticos propostos pelo PCUS. Pericás comenta que, se a literatura ocidental permaneceu pujante e produzindo grandes autores e romances durante todo o século XX, na URSS a produção artística, em geral, se caracterizaria por obras de qualidade questionável (PERICÁS, 2012, p. 32-33).

Trotsky

A admiração do Amauta pelo dirigente russo é ilustrada em artigos publicados na presente coletânea. Mariátegui define Leon Trotsky como um dos personagens mais interessantes da história contemporânea – “*condottiere* da Revolução Russa, organizador e

21 “O primeiro período da revolução não foi propício para uma intensa produção literária. Não havia tempo, papel nem humor para livros (...). A falta de papel resultou particularmente hostil à prosa. À poesia basta muito pouco papel. Um verso se deixa aprender de memória ou escrever com fita sobre um muro. E do outro lado, o ambiente de epopeia da revolução acendia, preferentemente, a imaginação dos poetas” (p. 141).

22 “Sergei Essenin”, publicado em outubro de 1927 (p. 173-177).

23 “O realismo na literatura russa”, publicado em 23 de novembro de 1929 (p. 271-274).

animador do Exército Vermelho, pensador e crítico brilhante do comunismo”²⁴ (p. 89) – e exalta, em um texto exclusivamente dedicado ao líder bolchevique, suas preocupações filosóficas, artísticas e literárias²⁵. Em fevereiro de 1929, Mariátegui afirmaria que a Revolução Russa devia seu valor internacional, ecumênico, bem como seu caráter de fenômeno precursor do surgimento de uma nova civilização, ao pensamento de Trotsky:

sem uma crítica vigilante (que é a melhor prova de vitalidade do partido bolchevique), o governo soviético correria provavelmente o risco de cair num burocratismo formalista e mecânico (p. 201).

Contudo, Mariátegui apontaria em seus textos um balanço crítico das ideias trotskistas no que diz respeito ao potencial de tais ideias para a consolidação do programa marxista na URSS. Se o Amauta considera a *crítica* radical como parte essencial da oposição trotskista à direção do partido bolchevique, as *propostas* para temas como a política agrária e industrial, a luta contra o burocratismo e o espírito da NEP, não seriam capazes de se condensar em fórmulas concretas e precisas, carecendo de solidez. E o caráter internacionalista de seu pensamento, capaz de posicionar Trotsky entre os mais alertas e sagazes críticos de sua época a respeito da “transitória estabilização do capitalismo”, no entanto não lhe daria a força necessária para intervir na prática política russa. Mariátegui acreditou que Stalin e outros quadros da direção soviética demonstravam maior capacidade para a execução de um programa político marxista, por possuírem um sentido mais realista das possibilidades políticas de sua época. Inclusive, o jornalista peruano defenderá que a Revolução Russa encontrava-se em um período de organização *nacional*: “não se trata, no momento, de estabelecer o socialismo no mundo, mas realizá-lo em uma nação que (...) não deixa de constituir, geográfica e historicamente, uma unidade” (p. 204). Stalin, um “eslavo puro”, seria um dos homens aptos a lidar com os problemas nacionais e o caráter da revolução – ao contrário de Trotsky e outros que viveram sua experiência de formação política no exílio, e por razão da qual reivindicariam perspectivas socialistas para além de suas fronteiras.

Esta análise de Mariátegui certamente suscita questões e investigações que mencionarei de forma breve. É no início de 1929 que Mariátegui se vincula organicamente à III Internacional, em decorrência de sua designação como membro do Conselho Geral da Liga contra o Imperialismo. Em junho do mesmo ano, representantes do Partido Socialista Peruano

24 “O Partido Bolchevique e Trotsky”, publicado em 31 de janeiro de 1925 (p. 89-94).

25 “Leon Trotsky”, publicado em *La escena contemporánea*, 1925 (p. 95-99).

apresentam as teses *Punto de vista antimperialista* e *El problema de las razas en América Latina*, escritas por Mariátegui com a colaboração de Hugo Pesce, na Primeira Conferência Comunista Latino-americana de Buenos Aires. Tais teses, bem como as ideias de Mariátegui presentes nos *7 ensayos* (publicados no ano anterior), foram alvos de várias críticas e polêmicas por parte da representação latino-americana do Comintern, que não aceitavam as reflexões mariateguianas direcionadas à compreensão das especificidades sociais e históricas peruanas e defensora de uma revolução socialista como passo seguinte e fundamental da transformações políticas a serem realizadas no Peru²⁶.

Reflexões poderiam ser construídas a respeito do peso dos vínculos políticos entre o Amauta e a III Internacional na construção de suas análises, e como as consequentes polêmicas entre ambos impactam os artigos posteriormente publicados até antes de sua morte, em 1930. Em geral, os artigos selecionados para a edição de *Revolução Russa* e publicados após a divulgação de “O exílio de Trotsky” não se detêm de maneira detalhada sobre figuras do governo russo. Até mesmo figuras como Stalin, ou Bukharin, dois dos principais dirigentes soviéticos, não recebem grande atenção nos escritos do Amauta. Outra investigação certamente poderia ser feita a respeito da crítica de Mariátegui ao pensamento trotskista e seu “radicalismo teórico”, porém pouco frutífero, na conjuntura revolucionária russa. Onde residiriam as justificativas políticas e teóricas que permitiriam ao Amauta defender, ao menos naquele momento, a condução stalinista da URSS? De que forma tal reflexão se conecta com o modo como enxergava os caminhos da revolução socialista no Peru e na América Latina? Respostas poderiam nos ajudar a identificar os limites de sua leitura. Em razão do contexto histórico em que vivia, sendo a Revolução Russa um exemplo fundamental para os trabalhadores e militantes socialistas de tantas partes do mundo, o fato é que Mariátegui não pôde enxergar o processo que conduziria o Estado soviético ao elevado grau de burocratização e autoritarismo que, aparentemente, as ideias e o discurso de Trotsky teriam ajudado a evitar.

26 As posições do Comintern tendiam à homogeneização das conjunturas políticas e econômicas dos países latino-americanos sob a alcunha de “semicoloniais” e à defesa da revolução “democrático-burguesa” como etapa prévia da revolução socialista na região (cf. FLORES GALINDO, 1982, p. 28-33).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Diogo Valença de Azevedo e CLEMENTE, Márcia da Silva. “Mariátegui e o Brasil: o socialismo indo-americano e os dilemas do marxismo na periferia”. Águas de Lindóia, 36º Encontro Anual da ANPOCS, 2012.

FLORES GALINDO, Alberto. *La agonía de Mariátegui: la polémica con la Komintern*. Lima, Desco, 1982.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *La novela y la vida*. Lima, Empresa Editora Amauta, 1987.

PERICÁS, Luiz Bernardo. “José Carlos Mariátegui e o Brasil”. *Estudos Avançados*, São Paulo, USP, v. 24, n. 68, 2010, p. 335-361.

_____. “José Carlos Mariátegui e a Rússia”, in: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Revolução Russa: história, política e literatura*. São Paulo, Expressão Popular, 2012.